

"UM COPO VAZIO ESTÁ CHEIO DE AR"¹: UMA RESENHA DE *IS THE GLASS
HALF EMPTY OR HALF FULL? REFLECTIONS ON TRANSLATION THEORY
AND PRACTICE IN BRAZIL*, DE ALICE LEAL

*"AN EMPTY GLASS IS FULL OF AIR": A REVIEW OF IS THE GLASS HALF
EMPTY OR HALF FULL? REFLECTIONS ON TRANSLATION THEORY AND
PRACTICE IN BRAZIL, BY ALICE LEAL*

Guilherme Bernardes²

Alice Leal se formou em Letras na Universidade Federal do Paraná, fez mestrado em Estudos da Tradução na Universidade Federal de Santa Catarina e é coordenadora do Departamento de Língua Portuguesa na Universidade de Viena, onde concluiu seu doutorado, que dá origem ao livro aqui comentado. A tese analisa o panorama dos Estudos da Tradução no Brasil e se divide em quatro partes principais: 1) em que a autora discorre sobre as diferenças da prática e da teoria de tradução; 2) em que a autora analisa a obra de Rosemary Arrojo; 3) em que a autora analisa a obra de Paulo Henriques Britto; e 4) em que a autora junta suas análises e faz sua conclusão.

Na primeira parte do livro, Leal se dedica a apresentar o debate sobre o que deveria ser/fazer a teoria da tradução: ser um meio de gerar reflexão sobre o fazer tradutório e sobre questões de linguagem e construção de significado; ou preocupar-

¹ Trecho de *Copo vazio*, de Gilberto Gil, que serve de epígrafe para o livro.

² Graduando em estudos da tradução na UFPR.

se com questões mais práticas (ou seja, propor-se a facilitar a prática de tradução, pensando em suprir as demandas do mercado, ou fornecer algum tipo de metodologia a ser seguida).

Logo de início, a autora dá a entender que a resposta para essa questão está intimamente ligada ao lugar de que se fala, e que por isso essas respostas podem ser diferentes. Ela mesma apresenta seu livro como um trabalho que segue tendências de um pensamento pós-estruturalista, no sentido que o “pós” estaria dando a conotação de ser algo, obviamente, posterior, e, ao mesmo tempo, criando uma relação de dependência. Portanto, não se trata de negar ou abolir as contribuições estruturalistas, mas de constantemente questionar suas posições e se valer delas quando necessário.

Nas entrelinhas, é possível notar a defesa de Leal para que a Universidade seja mais um lugar que instigue o pensamento do que apenas um que cumpra o papel de criar mão de obra qualificada. Ao mesmo tempo, isso parece gerar um afastamento do que se faz dentro da Universidade daquilo que acontece no “mundo real”. Entretanto, é importante estar atento, também, para que a Academia não acabe se fechando demais sobre si mesma e esqueça o mundo fora dela.

Desse modo, Leal acaba por fazer uma distinção inicial que é muito representativa de dois modos diferentes de se encarar a tradução: uma visão chamada essencialista e outra chamada antiessencialista. Como representantes das duas visões, ela escolhe Paulo Henriques Britto e Rosemary Arrojo, respectivamente. Para isso, ela analisa minuciosamente seus trabalhos para entender (i) o que falam, (ii) de onde falam e (iii) como isso influencia no que falam.

Na segunda parte do livro, a autora analisa a carreira de Arrojo enquanto estudiosa da tradução, fazendo uma leitura cautelosa de três livros assinados por ela e mais um apanhado de trabalhos selecionados. Começando por *O Signo Desconstruído*, Leal demonstra como se molda o pensamento de Arrojo sobre o tema: esta defende constantemente que a teoria da tradução deve se preocupar em problematizar

questões que costumam ser tratadas pelo senso comum (ou mesmo por alguns meios acadêmicos) como dadas de barato, tais como: fidelidade, perdas e ganhos, equivalência, literalidade, intencionalidade, contexto e, inclusive, original e tradução. Nos diversos artigos presentes no livro, Leal apresenta o pensamento de Arrojo como intimamente ligado às tendências pós-estruturalistas e costumeiramente tido por radical, como se ela pretendesse abolir todos esses termos. No entanto, não é isso que se nota. O que se percebe é um desejo constante de pôr em xeque o fato de que todos esses termos sejam tidos como axiomáticos e não possam ser objeto de debate. Segundo Arrojo, mais do que pensar na prática, é importante que a formação do tradutor se dê de maneira reflexiva.

Em seguida, Leal analisa o livro *Oficina de Tradução*. Ao contrário do livro anterior, que era um compilado de diversos artigos publicados preocupados apenas com o pensar sobre tradução e a pesquisa na área, nesse, Arrojo se debruça sobre questões um pouco mais voltadas à prática, porém, sem se esquecer de refletir sobre isso. Para tanto, Arrojo faz uso de um conto de Jorge Luís Borges intitulado *Pierre Menard, Autor del Quijote*. A alegoria proposta seria a de que o desejo de Menard em escrever (não re-escrever) *Dom Quixote de La Mancha* exatamente do mesmo jeito que fez Miguel de Cervantes é como um tradutor que segue um pensamento essencialista faz seu trabalho. Como se fosse possível ignorar os fatores temporais, espaciais, sociais, inconscientes e muitos outros que influenciam a leitura do texto. Dessa forma, reiterando muito do que dizia anteriormente, Leal mostra como a visão pós-estruturalista de Arrojo (os significados não são estáveis e estão constantemente sofrendo influência do mundo em que se encontram) invariavelmente afeta a maneira como um tradutor traduz. Ainda no livro *Oficina de Tradução*, Arrojo dá o exemplo do poema *This is just to say*, de William Carlos Williams, propondo o exercício de como seriam lidas aquelas mesmas palavras, naquela mesma ordem, se elas fossem encontradas na mesa da cozinha de um anfitrião, deixada por um hóspede ou como

poema. A leitura seria diferente e, portanto, as preocupações na hora de traduzir aquele texto, também.

Leal analisa ainda o livro *Tradução, Desconstrução e Psicanálise*, uma outra série de textos organizados por Arrojo, novamente mais voltados ao pensamento sobre tradução. Fazendo uso de diversos conceitos, principalmente freudianos, Arrojo organiza seus textos em torno de vários temas pertinentes à teoria da tradução ligados ao inconsciente, tais como: transferência e fetichismo nas relações humanas, a instabilidade das noções de verdade e objetividade na ciência, hierarquia nas relações humanas, entre outros pontos. Fica claro, então, o desejo de Arrojo, enquanto acadêmica estudiosa da tradução, de tomar um posicionamento forte quanto à teoria da tradução como algo que seja formador de profissionais que pensem sobre suas ações e sobre o que elas implicam e significam. A crítica feita por Leal se concentra na contradição que acarreta essa defesa de Arrojo para que os estudos da tradução se tornem uma área específica e isolada — tanto da linguística quanto dos estudos literários — enquanto ao mesmo tempo suas tendências pós-estruturalistas remetem cada vez mais a uma aproximação e uma interdisciplinaridade.

Em contrapartida ao pensamento de Arrojo, Leal aponta, então, o pensamento de Paulo Henriques Britto sobre as questões de teoria da tradução. Primeiramente, a autora traça um histórico de Britto como poeta e tradutor (de mais de cem livros), a fim de mostrar de que lugar vem a fala dele. Ainda no primeiro capítulo de *Is the glass half empty or half full? Reflections on Translation Theory and Practice in Brazil*, surge a seguinte analogia: quando se está perdido na floresta e querendo ir para casa, alguém dá a ideia de olhar para qual direção o sol está se movendo para se localizar, afinal, sabe-se que este vai do leste para o oeste. Numa situação como essa, não interessa levantar o debate de como a noção de pontos cardeais é um construto arbitrário e uma convenção inventada pelos seres humanos. O importante é chegar em casa. Nesse sentido, Britto diz que a teoria da tradução que o pensamento pós-estruturalista

propõe não ajuda em nada a prática de tradução e que por esse motivo seria de menor validade.

Leal decide, então, separar em três os tipos de artigos de Britto que analisa: crítica ao pós-estruturalismo, ofício e arte do tradutor literário, e crítica de tradução. Nos primeiros textos, as críticas de Britto vão, principalmente, de encontro ao suposto radicalismo do pensamento pós-estruturalista, como se fosse pretendido que todas as noções que pensadores como Arrojo problematizam em seus textos sejam abolidas (quando, na verdade, o que querem é problematizar suas validades na atual conjuntura). Por mais que Britto bata de frente e critique essa posição, o que ele mais critica nela é sua falta de utilidade. Ele, inclusive, reconhece que tais questionamentos podem, sim, ser muito pertinentes; no entanto, o fazer tradutório que ele, tão experiente, realiza não é modificado por eles. Britto diz que essas noções, por mais instáveis ou ficcionais que sejam, acabam sendo necessárias. Que, na hora de traduzir, ele precisa acreditar que está sendo fiel ao autor original e que os significados ali contidos foram transmitidos até ele e através dele.

No enquadramento seguinte, Leal separa os textos em que Britto tenta organizar uma metodologia de análise literária (especialmente de poesia) que pudesse creditar a essa tarefa um caráter e um valor científico. Através de uma análise minuciosa das características formais do poema, ele seria então capaz de dizer o que é mais importante naquele determinado texto e que, portanto, seria indispensável de ser mantido numa possível tradução desse mesmo texto. A crítica de Leal a esse posicionamento é a mesma que o pós-estruturalismo faz: a importância de certos aspectos do texto para ele pode não ser a mesma (e costumeiramente não é) para outras pessoas. Ou, então, por que esse tipo de análise não seria possível em outros tipos de texto, se o que torna um texto poético ou não está muito mais ligado à maneira com que ele é lido do que com aspectos puramente formais? Britto discorda desse posicionamento e acha que a noção de literariedade está ligada, sim, a outros

aspectos além da maneira com que se é apresentado ou lido um texto, demonstrando o caráter essencialista de seu pensamento.

A partir disso, Leal junta os textos de Britto que defendem também uma metodologia, muito similar ao processo de análise apresentado nos textos anteriores, para analisar se uma tradução é melhor ou mais competente que outra. Tais elementos em questão seriam: omissões, adições, passagens significativamente alteradas, correspondência de metrificção, entre outras. Leal também critica esse desejo demonstrado por Britto de que a única maneira de produzir conhecimento seja por um meio altamente cientificista. E, nesse gancho, a autora chega à quarta e última parte.

Na última parte, Leal se opõe ao pensamento de que o estudo de tradução deva ser tratado com orientações estritamente práticas (da mesma maneira que, alguns acreditam, deveriam ser orientados futuros médicos, capazes de rapidamente reconhecer doenças e tratar todas elas o mais rápido possível). Para isso, Leal aponta como, inclusive nesses casos, essa noção de objetividade é ilusória. Caso contrário, não haveria segunda opinião, apesar de serem feitos os mesmos testes e obtidos os mesmos resultados. Ela finaliza mostrando como a heterogeneidade é bem-vinda no pensamento pós-estruturalista e como interessa muito mais para o debate que pontos diferentes possam surgir e que o copo possa estar meio cheio e meio vazio simultaneamente.

O livro de Leal se põe, de certa forma, num meio de caminho, uma vez que busca compreender bem o argumento contrário ao daquele que costuma defender. A partir dessa leitura minuciosa, ela pode, então, fazer o movimento de Desconstrução, similarmente a Jacques Derrida, e apontar as falhas naquele pensamento ao mesmo tempo em que mantém um olhar crítico sobre si mesma. Simultaneamente, o livro também defende muito habilmente sua proposta, sem esquecer de qual lugar ela propõe o que propõe e para que fins isso se mostra necessário. Prática e Teoria, como

diz a autora, casados, divorciados e, agora também, por que não?, em um relacionamento enrolado.

Leal discorre sobre esses pontos (e muitos outros mais) do debate entre dois grandes nomes da teoria e da prática de tradução no Brasil muito mais cuidadosamente e extensivamente do que é possível aqui. Como ela mesma diz ao fim do livro, sua proposta está muito mais voltada em instigar esse pensamento do que propor práticas de tradução. Não era para menos que um livro deliberadamente com essas intenções tivesse já no título uma interrogação.

REFERÊNCIAS

LEAL, Alice. *Is the Glass Half Empty or Half full? Reflections on Translation Theory and Practice in Brazil*. Frank & Timme. Viena: 2014.

Submetido em: 10/09/2015

Aceito em: 17/09/2015